

Proponente: Giana Bitencourt Frizzo

Área da Psicologia: Psicologia da Saúde

DIFERENTES PERSPECTIVAS SOBRE A GESTAÇÃO

Justificativa: A depressão pós-parto é uma condição que interfere na relação mãe-bebê e pode dificultar a formação de vínculo mãe-bebê. Dificuldades na aceitação da gestação também podem dificultar o vínculo mãe-criança, especialmente em contexto de depressão da mãe. O diagnóstico da DPP é uma tarefa difícil, dado que a sintomatologia pode variar em apresentação e intensidade, além dos sintomas serem normalmente negligenciados pela mãe e familiares, pois podem ser confundidos com o desgaste e cansaço típicos da demanda do puerpério. Embora alguns autores relatem que a depressão pós-parto tenda a ser leve, ainda sim pode ocorrer prejuízo, pois a relação mãe-bebê está em uma fase importante para seu desenvolvimento e a mãe sofre tanto por seus sintomas como pela indisponibilidade emocional com seu bebê. Nesse sentido, o presente estudo buscou descrever os sintomas depressivos de mães com depressão pós-parto. Participaram 21 mulheres diagnosticadas com depressão pós-parto, de diferentes níveis socioeconômicos. A idade média das mães foi de 32,70 (DP = 7,82). Metade das mães era primípara e a maioria vivia com o pai do bebê. A avaliação de depressão foi feita com base no Inventário de Depressão de Beck (BDI) e em uma entrevista diagnóstica baseada no DSM-IV-TR. A média do escore do BDI foi 25 (DP = 8,1). Todas as mães foram encaminhadas para tratamento psicológico, especificamente para Psicoterapia Breve Pais-bebê. Foi realizada uma análise qualitativa dos sintomas depressivos das entrevistas transcritas. Todas as mães relataram fadiga severa, preocupação, ansiedade, mudanças negativas no sono e vontade frequente de chorar. Poucas mães disseram que queriam morrer e nenhum relatou sentir-se inútil ou ter pensamentos suicidas. Boa parte das mães relatou intensa irritabilidade. A maioria relatou um aumento no apetite e sentimentos de culpa em função da gravidez não planejada. A dificuldade em aceitar a gestação pode colocar em risco o estabelecimento do vínculo mãe-criança, especialmente quanto às expectativas com relação ao bebê e as mudanças provocadas por sua chegada. Os resultados mostraram intenso sofrimento das mães, que pode afetar a família como um todo. Os resultados também indicaram possíveis sinais de ansiedade associados aos sintomas depressivos, o que merece ser avaliado mais pormenorizadamente. Nesse sentido, atenção especial deve ser dada quanto ao planejamento e aceitação da gravidez em contexto de depressão pós-parto, ainda na gestação. A dificuldade nesse aspecto pode afetar negativamente o estabelecimento de vínculo mãe-bebê. Cabe ressaltar a importância de critérios claros para o diagnóstico correto da depressão pós-parto, pois esta doença tende a ser sub-diagnosticada, e por vezes surgem co-morbididades com sintomas de ansiedade, que podem potencializar o risco de cronificação do quadro depressivo.

Justificativa: Apoio financeiro: CNPq e FAPERGS

Palavras-chave: depressão pós-parto, família, sintomas depressivos

Nível do trabalho: P - Pesquisador

Área da Psicologia: SAÚDE

Coordenador: Giana Bitencourt Frizzo

ACEITAÇÃO DA GRAVIDEZ EM CONTEXTO DE DEPRESSÃO PÓS-PARTO: ANÁLISE QUALITATIVA DE SINTOMAS DEPRESSIVOS EM UMA AMOSTRA CLÍNICA. Giana Bitencourt

Frizzo, Wagner Campelo Rohde*, Cesar Augusto Piccinini e Rita de Cássia Sobreira Lopes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

A depressão pós-parto é uma condição que interfere na relação mãe-bebê e pode dificultar a formação de vínculo mãe-bebê. Dificuldades na aceitação da gestação também podem dificultar o vínculo mãe-criança, especialmente em contexto de depressão da mãe. O diagnóstico da DPP é uma tarefa difícil, dado que a sintomatologia pode variar em apresentação e intensidade, além dos sintomas serem normalmente negligenciados pela mãe e familiares, pois podem ser confundidos com o desgaste e cansaço típicos da demanda do puerpério. Embora alguns autores relatem que a depressão pós-parto tenda a ser leve, ainda sim pode ocorrer prejuízo, pois a relação mãe-bebê está em uma fase importante para seu desenvolvimento e a mãe sofre tanto por seus sintomas como pela indisponibilidade emocional com seu bebê. Nesse sentido, o presente estudo buscou descrever os sintomas depressivos de mães com depressão pós-parto. Participaram 21 mulheres diagnosticadas com depressão pós-parto, de diferentes níveis socioeconômicos. A idade média das mães foi de 32,70 (DP = 7,82). Metade das mães era primípara e a maioria vivia com o pai do bebê. A avaliação de depressão foi feita com base no Inventário de Depressão de Beck (BDI) e em uma entrevista diagnóstica baseada no DSM-IV-TR. A média do escore do BDI foi 25 (DP = 8,1). Todas as mães foram encaminhadas para tratamento psicológico, especificamente para Psicoterapia Breve Pais-bebê. Foi realizada uma análise qualitativa dos sintomas depressivos das entrevistas transcritas. Todas as mães relataram fadiga severa, preocupação, ansiedade, mudanças negativas no sono e vontade frequente de chorar. Poucas mães disseram que queriam morrer e nenhum relatou sentir-se inútil ou ter pensamentos suicidas. Boa parte das mães relatou intensa irritabilidade. A maioria relatou um aumento no apetite e sentimentos de culpa em função da gravidez não planejada. A dificuldade em aceitar a gestação pode colocar em risco o estabelecimento do vínculo mãe-criança, especialmente quanto às expectativas com relação ao bebê e as mudanças provocadas por sua chegada. Os resultados mostraram intenso sofrimento das mães, que pode afetar a família como um todo. Os resultados também indicaram possíveis sinais de ansiedade associados aos sintomas depressivos, o que merece ser avaliado mais pormenorizadamente. Nesse sentido, atenção especial deve ser dada quanto ao planejamento e aceitação da gravidez em contexto de depressão pós-parto, ainda na gestação. A dificuldade nesse aspecto pode afetar negativamente o estabelecimento de vínculo mãe-bebê. Cabe ressaltar a importância de critérios claros para o diagnóstico correto da depressão pós-parto, pois esta doença tende a ser sub-diagnosticada, e por vezes surgem co-morbidades com sintomas de ansiedade, que podem potencializar o risco de cronificação do quadro depressivo.

2º Apresentador: Daniela Centenaro Levandowski

EXPERIÊNCIAS DE GESTANTES ADOLESCENTES GAÚCHAS COM O ACOMPANHAMENTO PRÉ-NATAL. Daniela Centenaro Levandowski, (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre), Marcieli Lima da Silva (Curso de Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS/Brasil), Jaqueline Wendland (Institut de Psychologie, Laboratoire de Psychopathologie et Processus de Santé Universidade Paris Descartes, Paris/França).

O acompanhamento pré-natal é uma estratégia importante para garantir a saúde materno-infantil. No caso de uma gestação na adolescência, cujos riscos de complicações de saúde para a gestante e o bebê são maiores, a realização de tal acompanhamento adquire ainda mais relevância. O presente estudo qualitativo, derivado do projeto de pesquisa Avaliação de Aspectos Emocionais de Adolescentes do Vale dos Sinos na Transição para a Parentalidade: Um Estudo Longitudinal (Levandowski, 2008), objetivou descrever as experiências de gestantes

adolescentes gaúchas com o acompanhamento pré-natal. Quatorze adolescentes, que estavam no segundo trimestre de sua primeira gestação, não apresentavam complicações clínicas e realizavam tal acompanhamento em unidades básicas de saúde da região do Vale dos Sinos/RS (Brasil), participaram do estudo. A idade das participantes variou de 13 a 18 anos e o nível socioeconômico era baixo. Apenas uma delas exercia atividade ocupacional como diarista e nenhuma havia finalizado o Ensino Médio. Em relação ao estado civil, sete participantes coabitavam com o namorado. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semi-estruturada, realizada individualmente e gravada em áudio para posterior transcrição, que investigava, dentre outros temas, a experiência da adolescente com o acompanhamento pré-natal. A análise de conteúdo qualitativa das entrevistas, que seguiu um modelo fechado, revelou o início precoce do acompanhamento pré-natal e sua realização de maneira assídua pelas adolescentes, de acordo com o preconizado pelo Ministério da Saúde. As participantes demonstraram envolvimento com essa atividade, sendo geralmente acompanhadas nas consultas e exames por familiares (mãe, irmã, companheiro, tia e sogra). Entretanto, relatos de não acompanhamento foram encontrados, tanto por desejo da adolescente como por impossibilidade dos familiares. A relação com os profissionais de saúde foi considerada positiva pelas participantes, que manifestaram seu contentamento em relação aos cuidados deles recebidos. Contudo, foi mencionada a necessidade de redução do tempo de espera para as consultas como um aspecto a ser aprimorado no atendimento. Percebeu-se a importância do trabalho realizado pelos enfermeiros e agentes comunitários de saúde para a adesão das adolescentes às consultas e outras atividades ligadas ao pré-natal, o que reforça a necessidade de educação continuada para tais profissionais. Sugere-se que novos estudos investiguem essa temática, abordando aspectos como: as necessidades apresentadas pelas adolescentes acerca da gestação e do parto; a avaliação longitudinal das experiências das adolescentes com o acompanhamento pré-natal, tendo em vista as diferentes questões emocionais que perpassam cada trimestre gestacional; a investigação dos motivos pelos quais as adolescentes aderem ou não ao acompanhamento pré-natal, bem como as expectativas que nutrem em relação a esse acompanhamento antes de seu início. Com base nesse conhecimento, pode-se aprimorar o acesso das adolescentes aos serviços de saúde, bem como sua adesão a esse importante acompanhamento.

Apoio financeiro: CNPq

Palavras-chave: gestação; adolescência; pré-natal.

Nível do trabalho: P - Pesquisador / Outro: TCC

Área da Psicologia: SAÚDE

3º Apresentador: Angela Helena Marin

A CONSTITUIÇÃO DA MATERNIDADE EM GESTANTES SOLTEIRAS. Angela Helena Marin (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), Aline Grill Gomes (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS); Rita Sobreira Lopes (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS); Cesar Augusto Piccinini (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS).

A gravidez é um período marcado por diversas mudanças e significa para a mulher uma experiência singular, repleta de intensos sentimentos, os quais podem incitar mudanças de diversas ordens. Tais aspectos já fazem com que esse período seja vivenciado com algumas dificuldades, que podem se intensificar quando o pai do bebê não está presente, considerando que o seu apoio tem sido indicado como o mais importante para a mãe durante a gestação e os primeiros meses de vida do bebê. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi investigar a

constituição da maternidade em gestantes solteiras. Participaram nove gestantes primíparas, que estavam no último trimestre de gestação e não apresentavam problemas de saúde. Todas eram solteiras e assumiram a responsabilidade de ter um filho sem a presença do pai biológico ou de outro companheiro que o substituísse. Elas tinham idades entre 19 e 28 anos, eram de níveis socioeconômicos variados e residiam na região metropolitana de Porto Alegre. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com questões relacionadas às percepções da gestante em relação ao planejamento da gravidez, sua aceitação, seu estado de humor predominante, assim como sobre o contexto da relação com o pai do bebê e demais membros de sua família. Além disso, investigaram-se as percepções e fantasias da gestante sobre o bebê e a maternidade. As respostas foram submetidas à análise de conteúdo qualitativa, considerando quatro categorias temáticas, a saber: sentimentos em relação 1) às transformações corporais; 2) às transformações psicológicas; 3) ao apoio recebido; e, 4) ao tornar-se mãe. Os resultados revelaram que a constituição da maternidade em mães solteiras esteve associada tanto a transformações corporais, como psicológicas e sociais, que acabaram por interferir no âmbito intrapsíquico e inter-relacional das gestantes, principalmente devido ao fato de a gravidez não ter sido planejada e elas se sentirem culpadas por esta situação. A vivência da maternidade apareceu ligada a sentimentos de tristeza, raiva e solidão e a dúvidas sobre o desejo de ficar com o bebê. Contudo, percebeu-se, também, um gradual processo de aceitação da gestação, especialmente se a gestante contava com o apoio de familiares. No tocante às expectativas para depois do nascimento do bebê, destacou-se um sentimento de insegurança e temor sobre como iriam educar seus filhos sozinhas. Para compensar essa sensação de incapacidade, parece ter sido necessário um movimento de idealização da maternidade, como se elas precisassem se ver totalmente disponíveis para suprir todas as demandas da criança e como se pudessem assumir a função de mãe e de pai. Por fim, é plausível pensar que mesmo que ser mãe solteira possa implicar em uma sobrecarga de tarefas, especialmente na gestação e nos primeiros anos de vida da criança, a ausência do pai não pode ser entendida como determinante para o prejuízo da relação mãe-bebê, pois essa dependerá de como a mãe vivencia esta falta e a transmite para a criança.

Palavras-chave: mãe solteira; gestação; maternidade.

Pesquisador – P

DES-Psicologia do Desenvolvimento